

COSTA, Maria Teresa. Condepacc estuda tombar imóveis no Cambuí: relação que será publicada no Diário Oficial dá início ao processo que definirá quais entre 31 prédios históricos serão tombados. Correio Popular, Campinas, 07 dez., 2001.

MARIA TERESA COSTA

Do Correio Popular
teresa@cpopular.com.br

O Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (Condepacc) decidiu abrir, ontem, processo de tombamento para um conjunto de 31 imóveis no Cambuí, a maioria deles instalada na Avenida Júlio de Mesquita. É a primeira vez que o conselho toma essa decisão para um conjunto tão grande de imóveis. O *Diário Oficial do Município* publica, amanhã, a relação dos imóveis que entram em processo de tombamento. Com isso, têm início os estudos da história arquitetônica de cada um dos imóveis para decidir quais serão tombados. Até a decisão final, nenhum imóvel poderá ser alterado sem a autorização do Condepacc.

Na relação do imóveis, estão os casarões neocoloniais da "Avenida Paulista Campineira" (a Júlio de Mesquita), das ruas General Osório, Coronel Silva Telles e Conceição, as duas igrejas do Cambuí (Nossa Senhora das Dores e Divino Salvador), o Centro de Convivência Cultural, o Hospital Irmãos Penteado e o Colégio Progresso Campineiro.

O pedido de tombamento foi feito pelo arquiteto Marcelo Hobeika, que representa a Associação Engenheiros e Arquitetos de Campinas (Aeac) no Condepacc. Hobeika é presidente regional do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano (CMDU). "O Cambuí tem um arsenal de projetos arquitetônicos importantes e guarda ainda exemplares de belas casas que tornaram o bairro a vitrine dos fazendeiros do café no século

19", afirma. Parte dos imóveis elencados no processo de tombamento já tinham sido estudados pela Coordenadoria do Patrimônio Cultural (CPC), órgão da Secretaria Municipal de Cultural.

Pelo menos 16 casarões da Avenida Júlio de Mesquita, conforme esse estudo, continuam com suas características arquitetônicas respeitadas, mesmo tendo perdido o uso residencial. São imóveis que hoje abrigam bancos como a Caixa Econômica Federal (1922), o Unibanco, o Excel-Econômico, o Centro Cultural Brasil Estados Unidos (1927) e o Colégio Progresso Campineiro (1917), que, originário do período eclético, tem uma prevalência do estilo neocolonial

californiano ou mexicano.

São imóveis do final do século 19 até meados do século 20, que tornam o Cambuí, ainda hoje, um bairro charmoso e fazem da Avenida Júlio de

Mesquita um exemplar da riqueza emergente do período.

"É uma necessidade urgente o início dos estudos, porque são imóveis remanescentes de um período importante da cultura cafeeira", informou o presidente em exercício do Condepacc, Danúcio Bernardino.

Os casarões remanescentes tiveram, nos últimos anos, investimentos em manutenção da arquitetura. Arquitetos importantes deixaram sua marca naqueles imóveis que foram residência de campineiros que são parte da história da cidade, como a casa do médico Leôncio de Souza Queiroz, ou a casa de Santore Mirone (onde hoje é o Colégio Integral).

No Cambuí, já estão tombadas a Capela Nossa Senhora da Boa Morte, a Santa Casa de Misericórdia e a Capela de Santa Cruz.

Maioria são casarões do século 19 na Avenida Júlio de Mesquita



Fachada do Colégio Progresso, herança do tempo dos barões do café